

CAROLINA VON KOSERITZ

Hilda Agnes Hübner Flores

Carolina von Koseritz foi das raras mulheres que no século passado ultrapassaram os umbrais domésticos e se impuseram pela capacidade intelectual. Nascida em 1865, criou-se em Porto Alegre numa época em que o germanismo proliferava ao lado de um até então francesismo exclusivista iniciado com a Missão Cultural Francesa de 1816 e intensificado com o positivismo comtiano.

O positivismo, a partir da década de 1870, encontrou chão fértil entre intelectuais e militares, a propugnarem pela superioridade do regime republicano e endossando a simetria e equilíbrio de linhas da arquitetura neo-clássica. Proliferaram os “restaurantes”, importávamos perfumes de Paris, seda francesa e chita “a Pompadour”. Às mocinhas de boa família cabia saber tocar piano e falar francês, ainda que analfabetas.

Carolina von Koseritz, filha de Zeferina Barbosa e de Carlos von Koseritz, sobressaiu-se sobre as irmãs, Adelaide, Zelinda e Zeferina, todas de prendas domésticas. Secretária e discípula dileta do grande jornalista e germanófilo, cedo auferiu do pai as primeiras lições de vida. Adolescente ainda, começou a escrever. Publicou contos e traduziu clássicos alemães e ingleses, oferecendo ao leitor brasileiro uma nova opção de leitura, no que reside seu maior mérito.

Entre abril e junho de 1883 o então deputado provincial Carlos von Koseritz viajou com a família para o Rio de Janeiro e Carolina entrou em contato com o mundo intelectual carioca, onde chegavam ecos do movimento germanista iniciado por Tobias Barreto na Escola de Direito de Pernambuco, endossado por intelectuais de escol como Clóvis Bevilacqua, Capistrano de Abreu, Sílvio Romero, Oliveira Lima e outros.

Carolina estreitou amizade com Ferdinand Schmid, cônsul austríaco credenciado na Corte, que, com o pseudônimo de Dranmour, em 1868, escreveu o poema **Requiem**. A tradução de Carolina, editada no Rio em 1883, teve prefácio de Sílvio Romero, crítico de renome, professor do Colégio D. Pedro II, que elogiou o trabalho da “quase menina”, importante porque iniciava um novo intercâmbio cultural.

A imprensa gaúcha aplaudiu. Dranmour exultou, afirmando que a tradução de Carolina vinha ao encontro da filosofia de seu jornal, o **Rio Deutsche Zeitung**: intensificar relações culturais e materiais entre o

Brasil e os países de fala alemã, intento que teve em mente já ao verter poesias de Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias.

Em 1884 Carolina editou pela Gundlach, de Porto Alegre, **Hermann e Dorotéia**, poema de 76 páginas do imortal Goethe. A crítica rejubilou-se. O literato cearense Franklin Távora teceu um paralelo entre **Requiem** e a tradução goethiana, de temáticas opostas: esta a exaltar a vida, o amor do primeiro enlace, e **Requiem** traçando um majestoso adeus à humanidade e ao mundo.

O sucesso literário da jovem Carolina sofreu ataques mordazes de Hans von Frankenberg, redator do **Deutsche Zeitung** de Porto Alegre e desafeto político de Carlos von Koseritz, a quem maldosamente atribuiu a tradução goethiana, para a qual, afirmava, Carolina não teria capacidade. Koseritz, normalmente combatido, não criou polêmica, mas a produção literária subsequente de Carolina, mesmo após a morte do pai, mostraram a injustiça assacada por Frankenberg que, aliás, dois anos mais tarde teve de exilar-se às pressas no Prata, após publicar uma paródia do nosso hino nacional, considerada ultrajante pelas autoridades.

Enquanto a crítica a festejava, Carolina, representante oficial do Clube Germânia engajou-se no movimento abolicionista, ela que vira seu pai libertar os escravos trazidos ao casamento pela esposa. Os prêmios que arrecadava entre a elite social, transformou-os em dinheiro pró alforria de escravos, na famosa quermesse de 9 de setembro de 1884, em sua tenda "Rio Grande do Sul".

De Longfellow, Carolina traduziu o poema **Excelsior**. Seus contos, **A vingança das flores** e **Uma flor fenecida** são de temática atual, enquanto enaltecem o amor à conservação da natureza, num despertar precoso de consciência ecológica.

Em seus contos de costumes, Carolina não fica indiferente à problemática social da época. Escondendo-se sob o pseudônimo de Walquíria Certonez, em **Uma dor de cabeça** narra as aventuras de um D. Juan; em **A Freira**, explora o tema do amor-paixão frustrado, acabando a protagonista num claustro, dentro dos moldes do romantismo oitocentista; em **O Perfil**, analisa o problema da mocinha mimada que em seu "début" se desencanta do "príncipe" por não corresponder aos encantos idealizados; e **O leito nupcial** é conto espanhol prenhe de romantismo. **Relíquias vivas**, traduzido de Turgueniev, exalta a nobreza de sentimentos humanitários sublimados pelo sofrimento. Editado em Portugal, em 1884, só chegou a leitor brasileiro em 1887, ano em que o **Jornal do Comércio** de Porto Alegre publicou em seriado sua tradução do conto inglês de Charles Dickens, **O grilo da lareira**. Seguiu-se a tradução de três contos de Lord Byron, **Manfredo**, **Oscar** e **Masera**, refletindo diversas facetas do mundo oriental por onde viajava o autor, expulso da pátria.

Em junho de 1890, um mês após a morte prematura de Koseritz, Carolina fustigou com veemência, na imprensa alemã e nacional da capital, os redatores de **A Federação**, adversários políticos de seu pai, que tentaram macular a honra do grande jornalista. Silenciaram ao repto de Carolina.

Em 1892, na Igreja Luterana de Porto Alegre, Carolina casou com o cearense Rodolfo Brasil, filho do comerciante português João Cardoso e da índia Maria Morais. Abandonando a casa paterna bastante cedo, Rodolfo foi criado em seminário e seguiu a carreira militar. Poeta medíocre, dedicou alguns versos a Carolina. Adepto de Darwin, Spencer e Haeckel, enquadrou-se no cientificismo naturalista da época. Namoraram-se por correspondência.

Carlos Brasil, o primogênito do casal, nasceu na cidade do Rio Grande; o segundo, João, no Rio de Janeiro. Aí Rodolfo dedicou-se a estudos astronômicos e Carolina colaborou em jornais sob os pseudônimos de Augusta Dolores e Áurea Estela. Este último nome deu mais tarde à filha, hoje uma simpática septuagenária residente em Novo Hamburgo.

Ao cabo de alguns anos, fracassado o matrimônio, Carolina retornou a Porto Alegre. Aqui tentou novamente acertar a vida, desta vez com o português Mário Teixeira de Sá, jornalista, mas também esta união foi mal sucedida, para profunda mágoa da escritora que, desiludida, chegou a aconselhar à filha que não casasse.

Carolina produziu sempre. Colaborou nas revistas **Kodak e Norte e Sul**, esta editada pela Globo. Enferma, pediu à filha para ser sepultada com suas produções inéditas. Isto ocorreu em 1922, perdendo-se, assim, razoável parte de seu trabalho.

Pelo seu real mérito, Carolina von Koseritz foi escolhida para patrona da cadeira nº 15 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, fundada há quarenta anos por Lydia Moschetti, de saudosa memória.*

(De **Letras & Livros**, supl. do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, de 23-4-1983).

*N. da R.: Cêrtamente por modéstia, a autora do presente artigo deixou de mencionar ser ela, atualmente, a titular da cadeira Carolina v. Koseritz, da Academia Literária Feminina, do Rio Grande do Sul.